

O USO DE RECURSOS VEGETAIS COM FINS MEDICINAIS POR MORADORES DE BAIROS DA ZONA OESTE DE CUIABÁ – MT, BRASIL

JULIANA SILVESTRE SILVA¹ E GERMANO GUARIM NETO²

Recebido em 05.05.2011 e aceito em 18.05.2012

¹ Bióloga. Doutoranda em Botânica. Departamento de Botânica. Instituto de Ciências Biológicas. Universidade de Brasília. Brasília, DF. CEP 70910-970. julianassilva@unb.br

² Doutor em Botânica. Professor Departamento de Botânica e Ecologia. Instituto de Biociências. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, MT. CEP: 78060-900. guarim@ufmt.br

RESUMO: Apesar da antropização das áreas verdes de Cuiabá-MT, a riqueza florística do município reforça a importância de estudar a flora dos seus quintais, visto que a vegetação presente nestes espaços colabora com a subsistência das famílias, caracterizando-se, segundo suas formas de uso. O conhecimento da medicina tradicional cuiabana ainda é limitado e, por este motivo, este trabalho veio estudar a flora medicinal presente nos quintais de dois bairros da zona oeste de Cuiabá, com o objetivo de reunir o conhecimento popular sobre as plantas medicinais. Para isto, foram entrevistados 10 moradores que forneceram informações sobre as plantas presentes em seus quintais, como os nomes populares, as indicações terapêuticas, as partes utilizadas e o modo de uso. Foram registradas 51 espécies pertencentes a 30 famílias, sendo Lamiaceae a família mais rica, seguida por Asteraceae. O modo de uso mais comum foi a infusão da folha para ingestão e as afecções mais citadas foram as relacionadas aos sistemas digestório e respiratório. O conhecimento referente às plantas medicinais é transmitido vertical e horizontalmente, permitindo que os conhecimentos botânicos sejam mantidos.

Termos para indexação: Etnobotânica, plantas medicinais, quintais urbanos

THE USE OF VEGETAL RESOURCES FOR MEDICINAL PURPOSES BY RESIDENTS OF THE NEIGHBORHOODS IN THE WEST OF CUIABÁ – MT, BRAZIL

ABSTRACT: Although anthropization of the green areas of Cuiabá-MT, the richness of the city reinforces the importance of studying the flora of its homegardens, since that the vegetation in these areas contributes to the maintenance of families, characterized according to its mode of use. The knowledge of cuiabana traditional medicine is still limited and, therefore, this work came to study the medicinal flora in the home gardens of two neighborhoods in the west of Cuiabá, with the aim to aggregate the popular knowledge about medicinal plants. For this, we interviewed 10 residents who provided information as the popular names of plants present in their homegardens, its therapeutic use, the parts used and the mode of use. It was recorded 51 species belonging to 30 families, being Lamiaceae the richest family, followed by Asteraceae. The most common mode of use was the leaf infusion for drinking and most frequently mentioned diseases were those related to digestive and respiratory systems. It was possible to see that knowledge concerning medicinal plants is transmitted vertically and horizontally, allowing that the botanical knowledge is maintained.

Index terms: Ethnobotany, medicinal plants, urban homegardens

INTRODUÇÃO

Vista como um conhecimento que sofre mudanças espaço-temporais, a medicina popular, cuja transmissão ocorre via linguagem oral e não-

verbal, é transmitida, geralmente, das gerações mais antigas às mais novas (Morais & Jorge, 2003).

O uso de plantas como medicamento vem aumentando dia-a-dia em todo o mundo e

essa realidade é bastante visível no Brasil. Devido à dificuldade de acesso a medicamentos industrializados e à medicina formal, as plantas medicinais têm sido opções terapêuticas para uma parcela crescente da população brasileira, rural ou urbana (Ming et al., 2003; Bauldauf et al., 2009).

O território mato-grossense, de elevada riqueza florística, abriga três grandes formações vegetacionais – o Cerrado, o Pantanal e a Floresta Amazônica – e, quando analisado especificamente sob o ponto de vista medicinal e terapêutico, esta forma de uso sobressai e adquire valores econômico e ecológico muito importantes, principalmente se analisadas as famílias botânicas e seus representantes, no contexto de um conhecimento que é repassado através de gerações entre as populações que habitam o Estado. Dessa forma, estudos etnobotânicos têm sido realizados com frequência em quintais urbanos e áreas de vegetação natural no Estado de Mato Grosso (ver Guarim Neto, 1984; Amorozo, 2002; Pasa et al., 2005; Santos & Guarim Neto, 2005; Borba & Macedo, 2006; Maciel & Guarim Neto, 2006; Souza, 2007; Carniello et al., 2010; Guarim Neto & Amaral, 2010).

A capital mato-grossense, Cuiabá, reflete a riqueza florística do Estado, abrigando em seu território todas as fitofisionomias do bioma Cerrado, e recebe o nome “Cidade Verde” devido, principalmente, às plantas presentes nos diversos quintais existentes por todo o município.

No Brasil, o termo quintais é usado para se referir ao espaço do terreno situado ao redor da casa, cujo acesso é fácil e cômodo, no qual se cultivam ou se mantêm múltiplas espécies que fornecem parte das necessidades nutricionais da família, assim como outros produtos como lenha e plantas medicinais (Saragoussi et al., 1988; Brito & Coelho, 2000; Amorozo, 2007; Galluzzi et al., 2010). Por ser um espaço de lazer, e muitas vezes de trabalho, os quintais acabam transformando-se em espaços culturais, onde o conhecimento etnobotânico é ativamente preservado (Galluzzi et al., 2010).

Diversos sistemas de quintais são aptos para fornecer produtos para uso local, bem como contribuir para a economia regional, enquanto mantêm uma cobertura vegetativa diversificada sobre o solo (Brito & Coelho, 2000). Segundo Castro (1995), a presença de quintais não se restringe ao meio rural. O quintal é extremamente comum nas áreas urbanas brasileiras, sendo

importante tanto na mudança do microclima quanto na complementação nutricional e na oferta de medicamentos das famílias menos favorecidas economicamente (Brito & Coelho, 2000). Galluzzi et al. (2010) afirmam que os quintais urbanos, não mais conectados a grandes agro-ecossistemas, estão tornando-se cada vez mais importantes por contribuir com a melhoria da qualidade do ar, reduzindo as emissões de CO₂ e as temperaturas, e proporcionando aos cidadãos oportunidades de subsistência, bem como atividades sociais e recreativas.

Em muitas situações, os quintais abrigam variedades de espécies que não são mais cultivadas pela agricultura moderna e, por isso, não estão disponíveis comercialmente (Eichemberg et al., 2009). Estudos realizados em vários países demonstram que altos níveis de diversidade genética vegetal, inter e intra específicas, especialmente dessas variedades de espécies tradicionais, são preservados nos quintais (Galluzzi et al., 2010).

De acordo com Moura & Andrade (2007), diferenças de diversidade de espécies são observadas entre quintais agroflorestais e urbanos, pois com a urbanização em massa nas grandes cidades as populações tendem a perder o contato com a terra, e práticas agrícolas que poderiam ser incorporadas no ambiente urbano deixam de ser utilizadas.

Com o aumento da construção civil na cidade, as casas estão sendo substituídas por edifícios e as áreas verdes necessárias para amenizar o calor típico da região, assim como os quintais, estão desaparecendo do cenário cuiabano. Desse modo, o fato de Cuiabá abrigar rica e diversa flora do bioma Cerrado, reforça a importância de estudar a composição florística dos quintais, principalmente urbanos, visto que a vegetação presente nestes espaços reflete a diversidade de espécies introduzidas e caracterizadas segundo suas formas de uso, além de representar o espaço onde se produz alimentos e remédios e se fortalece culturas e amizades (Ferreira, 1993; Pasa et al., 2005).

Sendo assim, este trabalho visou registrar espécies vegetais de potencial terapêutico presentes nos quintais urbanos de dois bairros de Cuiabá-MT, assim como as relações estabelecidas entre estas espécies e os moradores das localidades estudadas.

MATERIAL E MÉTODOS

Área de estudo

O município de Cuiabá (Figura 1) ocupa 3.224,68 km² do território centro-sul mato-grossense. Possui um clima tropical quente e sub-úmido, segundo classificação de Köppen, com precipitação média anual de 1.750 mm e temperatura que varia entre 10°C e 43°C. De acordo com o censo realizado em 2010, Cuiabá abriga 551.098 habitantes, entre naturais e imigrantes (IBGE, 2010).

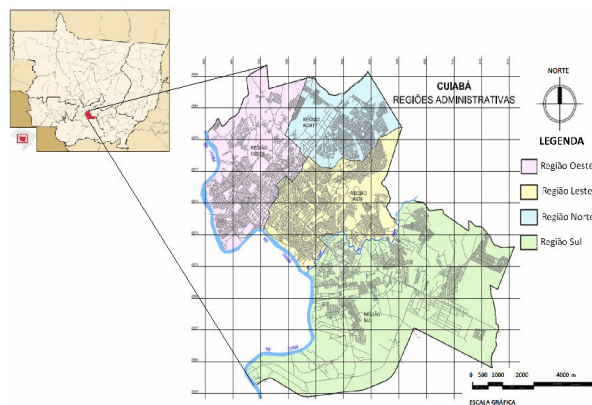


Figura 1. Localização do município de Cuiabá no Estado de Mato Grosso e suas regiões administrativas.

Fonte: modificado de Cuiabá/IPDU(2007).

Foram selecionadas para o estudo quatro localidades pertencentes à Região Oeste de Cuiabá-MT: Jardim Santa Isabel, Jardim Araçá, Jardim Santa Amália e Village Flamboyant, por serem próximas ao Rio Cuiabá, rio que corta e abastece a cidade, e com elevado número de antigos moradores com hábitos ribeirinhos (Figura 2). Com exceção de V. Flamboyant, que possui muitos condomínios residenciais horizontais, os demais locais são compostos apenas por casas com quintais.

De acordo com o Instituto de Planejamento e Desenvolvimento Urbano (IPDU) de Cuiabá, as localidades Village Flamboyant (loteamento), J. Araçá e J. Santa Amália (conjuntos habitacionais) compõem o bairro Barra do Pari, e apresentam, todos, densidade demográfica média-baixa (11,05 a 28,76 hab./ha). Apenas o bairro Jardim Santa Isabel apresenta alta densidade demográfica (57,40 a 86,02 hab./ha) (Cuiabá/IPDU, 2007).

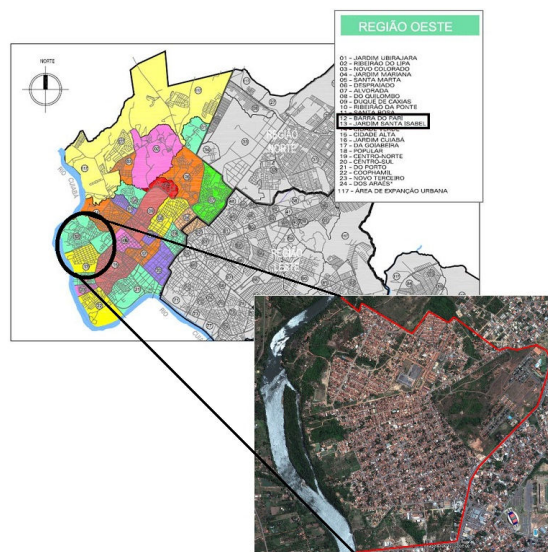


Figura 2. Localização dos bairros estudados na Regional Oeste de Cuiabá. Fonte: modificado de Cuiabá/IPDU (2007); Google Earth (Image© 2012 GeoEye).

Quanto à classificação sócio-econômica, J. Santa Isabel e J. Araçá são localidades habitadas por pessoas de renda média baixa, arrecadando de 2,92 a 5,65 salários mínimos, enquanto J. Santa Amália é considerada localidade de renda média, cuja arrecadação gira em torno de 5,65 e 11,65 salários mínimos. V. Flamboyant é a localidade com maior renda média e arrecadação de 11,66 a 21,94 salários mínimos (Prefeitura de Cuiabá, 2009).

Coleta de dados

Foram feitas entrevistas semi-estruturadas com moradores de 10 propriedades, sendo cinco moradoras (donas-de-casa) do J. Araçá, três moradores (duas donas-de-casa e um raizeiro) do J. Santa Isabel, uma moradora (dona-de-casa) do V. Flamboyant e uma moradora (dona-de-casa) do J. Santa Amália. Os entrevistados foram escolhidos por serem referências na região, conhecidos por grande parte dos moradores e, por isso, indicados por eles. Aqui a expressão “raizeiro” define o sujeito que conhece os métodos de coleta e preparo das plantas medicinais, e sabe identificá-las no seu ambiente natural.

Primeiramente foram realizadas visitas aleatórias aos moradores dos diferentes conjuntos habitacionais no intuito de obter informações a respeito de pessoas que fizessem uso de plantas como medicamento. A seleção dos informantes se baseou na metodologia denominada “bola de neve”, descrita em Albuquerque & Lucena (2004), no entanto, poucas pessoas foram indicadas nesta metodologia e percebeu-se, então, a existência de “figuras-chave” conhecidas por todos os moradores em suas respectivas localidades. Desse modo, optou-se por entrevistar apenas estas pessoas, que apesar de somarem um número reduzido de informantes, desempenham importante papel na comunidade onde vivem, tornando-se fontes de informações a respeito da medicina popular, além de distribuírem mudas destas espécies na região.

A coleta de dados ocorreu nos meses de outubro e novembro de 2004 e as entrevistas obedeceram a um roteiro orientado, onde foram priorizadas perguntas relativas às plantas de propriedades medicinais encontradas nos quintais e conhecidas pelos informantes. Estes ainda salientavam as partes utilizadas, modos de uso, indicações terapêuticas e nomes populares das plantas.

As espécies que não foram determinadas no local foram coletadas na presença dos informantes e levadas para o Laboratório de Botânica e Ecologia na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), onde foram identificadas com a ajuda de técnicos especializados e chaves dicotômicas, contudo, nenhuma coleta foi herborizada e incorporada em Herbário por estarem todas em estado vegetativo. A classificação botânica adotada foi a presente no *Angiosperm Phylogeny Website* (Stevens, 2012) que se baseia na classificação proposta pelo APG III (*Angiosperm Phylogeny Group III*) para a nomenclatura das angiospermas. Em relação à origem das espécies, a classificação utilizada foi obtida através da Lista da Flora do Brasil 2012 (Forzza et al., 2012).

Utilizou-se a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-10, 2008) da Organização Mundial da Saúde para o agrupamento das doenças citadas na pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Informantes

Dentre as localidades estudadas, Jardim Araçá Dentre as localidades estudadas, Jardim Araçá apresentou o maior número de conhecedores das plantas com potencial terapêutico. Tais moradores se conhecem e costumam trocar receitas e experiências, além das próprias plantas. No bairro Jardim Santa Isabel, apenas três moradores foram apontados para a pesquisa, sendo o raizeiro a pessoa mais procurada pelos vizinhos para a obtenção de plantas medicinais e informações a respeito de uso e dosagem das mesmas. Contudo, as informações obtidas do raizeiro não variaram em relação às demais informantes. Jardim Santa Amália apresentou apenas um morador conhecido na região, cujo quintal abriga espécies medicinais. Grande parte dos seus moradores vai ao Jardim Araçá, localidade vizinha, para obter as plantas medicinais necessárias. Por fim, Village Flamboyant apresentou também apenas uma casa em que há espécies medicinais no quintal. Neste loteamento são poucas as casas com quintais e poucas as mulheres que desempenham o papel de dona-de-casa. O menor número de quintais e a maior renda média de V. Flamboyant podem estar relacionados com a maior distância geográfica da localidade com o rio Cuiabá, quando comparada às outras áreas de estudo.

Dentre os informantes entrevistados, sete compõem a “classe média baixa”. Quanto ao grau de instrução, quatro são analfabetos, enquanto outros quatro frequentaram a escola por menos de cinco anos, já durante sua vida adulta. Apenas dois dos informantes possuem o Ensino Médio completo. Em relação à naturalidade, dois dos informantes são mato-grossenses não nascidos em Cuiabá, tendo imigrado para a capital há mais de 10 anos, e cinco vieram dos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Santa Catarina. Apenas dois entrevistados são naturais de Cuiabá. As idades apresentadas variaram de 31 a 95 anos e o tempo de residência no bairro variou de 15 a 26 anos na época do estudo, tempo que possibilita o plantio e cultivo das plantas medicinais nos quintais, assim como seu posterior uso.

Todos os informantes afirmaram terem aprendido com seus pais a utilizar as plantas como remédios e terem passado, ou estarem passando, este costume aos seus filhos.

Espécies vegetais

Foram registradas 51 espécies vegetais com propriedades curativas, segundo os informantes, pertencentes a 45 gêneros e 30 famílias botânicas. Embora algumas sejam secas, na maior parte das vezes, as plantas são usadas frescas, o que Dorigoni et al. (2001) atribuem ao fato das plantas serem cultivadas no quintal, estando disponíveis para o consumo imediato.

Dentre as 30 famílias registradas, a mais abundante foi Lamiaceae, com dez espécies, seguida por Asteraceae (quatro espécies), Amaranthaceae, Fabaceae, Lythraceae e Rutaceae (três espécies cada) e Myrtaceae (duas espécies). As demais famílias foram representadas por apenas uma espécie. As famílias Lamiaceae e Asteraceae estiveram também entre as mais ricas nos estudos de Schardong & Cervi (2000), Garlet & Irgang (2001), Amorozo (2002), Jacoby et al. (2002), Pasa et al. (2005), Pilla et al. (2006), Vendruscolo & Mentz (2006); Viu et al. (2007), Eichemberg et al. (2009) e Guarim Neto & Amaral (2010).

Em relação à origem das espécies citadas no estudo, 64% são espécies exóticas, sendo 44% introduzidas no Brasil e 20% nativas de outras regiões brasileiras. Apenas 36% das espécies presentes nos quintais visitados são nativas do Estado de Mato Grosso. Resultado semelhante foi obtido por Guarim Neto & Amaral (2010), em Rosário Oeste – MT, que encontraram baixo número de espécies nativas do Estado de Mato Grosso (28,6%). Carniello et al. (2010) observaram em Mirassol D'Oeste – MT a preferência dos entrevistados por plantas introduzidas de outras regiões do Brasil, contudo, é importante notar que ambos os estudos consideraram não apenas o potencial medicinal das espécies, mas também outras etnocategorias como a alimentar e a ornamental. Eichemberg et al. (2009) atribuíram o maior número de espécies exóticas nos quintais de Rio Claro – SP à migração de europeus ao local. Vieira & Alves (2003) afirmam que europeus, africanos e asiáticos que chegaram a Mato Grosso trouxeram consigo recursos vegetais intrínsecos às respectivas culturas. Contudo, deve-se considerar que as interações estabelecidas entre populações migrantes e locais podem possibilitar o acesso de ambos a conhecimentos recíprocos sobre plantas naturais dos fragmentos locais e sobre as

introduzidas de outras regiões (Carniello et al., 2010).

Carniello et al. (2010) acreditam que “o número de espécies cultivadas está mais diretamente relacionado ao interesse e necessidade do proprietário aliados à arquitetura e porte das espécies e sob influência do espaço territorial disponível para o cultivo de plantas”. De fato, isso pode ser confirmado pelo número de espécies herbáceas presentes nos quintais estudados (47,06%). Nos estudos de Guarim Neto & Amaral (2010) e Eichemberg et al. (2009) as espécies herbáceas também foram as mais abundantes (48% e 69%, respectivamente). Guarim Neto & Amaral (2010) também acreditam que a presença de herbáceas é mais frequente devido ao pequeno espaço reservado ao cultivo e à maioria destas plantas serem destinadas ao uso alimentar e medicinal.

Das 24 herbáceas encontradas nos quintais estudados em Cuiabá-MT, 18 (81,8%) são espécies cultivadas, número que confirma a introdução de espécies exóticas pelo fluxo migratório da população, visto que cinco dos 10 entrevistados são naturais de outros Estados brasileiros. De acordo com Carniello et al. (2010), o alto número de espécies introduzidas pelos migrantes contribui com a disseminação e diversificação do componente vegetal em território mato-grossense, porém, isto pode acarretar a substituição de espécies nativas por exóticas introduzidas devido aos valores simbólico e utilitário que possuem.

No preparo dos remédios caseiros, observou-se que apenas algumas partes das plantas são utilizadas, sendo elas: folha (72,55%), casca (19,6%), ramo foliar (13,7%), fruto (5,9%) e sumo/látex (3,9%). Flor, raiz e semente não foram citadas, talvez por serem órgãos pouco visíveis, de menor acesso, ou por simples sentimento de conservação, já que estes são órgãos relacionados à vida e desenvolvimento da planta. De acordo com Martin (1995), o elevado uso de folhas denota um caráter de conservação do recurso vegetal, visto que a retirada da mesma, se não for excessiva, não impede o desenvolvimento e reprodução da planta.

O modo de preparo das plantas medicinais foi diverso, sendo a infusão o mais comum (72,55%), seguindo-se molho (15,7%), suco e xarope (5,9% cada) e vitamina (3,9%).

Garrafada, macerado, queimada e fruto *in natura* somaram 7,8%. As infusões tendem a ser a forma de preparo mais utilizada pela população porque, além do valor medicinal que possui, contribuem para a digestão, controle da temperatura corporal, hidratação e/ou desintoxicação (Simões et al., 1998). Vendruscolo & Mentz (2006) obtiveram resultados bastante semelhantes no levantamento realizado em Porto Alegre - RS, onde a infusão das folhas foi a principal forma de utilização das plantas com potencial terapêutico.

Quanto ao modo de administração, 49 espécies (96,1%) são utilizadas por via oral (ingestão) e 14 espécies (27,45%) indicadas para aplicação externa, como banhos (21,57%) e compressas (5,88%). As compressas são, geralmente, feitas com álcool ou vinagre, enquanto, na garrafada e no macerado, é mais comum o uso de cachaça ou uísque (Tabela 1).

Tabela 1. Espécies medicinais presentes nos quintais das quatro localidades estudadas na zona oeste de Cuiabá-MT. H = herbáceo, S = subarbuscivo, A = arbustivo, B = arbóreo, T = trepador. Ramo = ramo foliar. E = exótica do Brasil, E* = nativa de outras regiões do Brasil, N = nativas do Estado de Mato Grosso, segundo Lorenzi et al. (2006), Lorenzi & Matos (2008) e Lista da Flora do Brasil (Forzza et al., 2012). ¹ Nomes aceitos pelo APG III.

FAMÍLIA / Espécie ¹	Nome Popular	Hábito	Parte Usada/ Formas de Preparo	Modos de Uso	Indicações	Origem
AMARANTHACEAE						
<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	terramicina	H	Folha, ramo/ Infusão	Ingestão, banho	Antibiótico	E*
<i>Alternanthera tenella</i> Colla	anador	H	Folha/ Infusão	Ingestão, banho	Febre, dor no corpo	N
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	erva-de-santa-maria	H	Folha/ Infusão, vitamina	Ingestão	Vermes	N
ANNONACEAE						
<i>Annona muricata</i> L.	graviola	B	Folha/ Infusão	Ingestão	Emagrecedor, anemia	E
ASPHODELACEAE						
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	babosa	H	Folha/ Suco, xarope, macerado	Ingestão, compressa, banho capilar	Queda de cabelo, contusão, câncer, queimadura, diurético, infecção pulmonar, males do fígado, estômago e garganta	E
ASTERACEAE						
<i>Achillea millefolium</i> L.	novalgina, pronto-alívio	H	Folha/ Infusão	Ingestão	Gripe; dor de cabeça, males do fígado e do estômago	E
<i>Baccharis crispa</i> Spreng.	carqueja	S	Folha/ Infusão	Ingestão	Males do estômago, emagrecedor	E*
<i>Matricaria chamomilla</i> L.	camomila	H	Folha/ Infusão	Ingestão	Febre, males do intestino, problemas na dentição, calmante, cólica menstrual	E
<i>Solidago chilensis</i> Meyen	arnica	H	Folha, ramo/ Infusão	Ingestão, compressa, banho	Contusão	N
BIXACEAE						
<i>Cochlospermum regium</i> (Schränk) Pilger	algodão	S	Folha/ Infusão	Ingestão, banho	Inflamação	N
BORAGINACEAE						
<i>Symphytum officinale</i> L.	confrei	H	Folha/ Infusão	Ingestão, compressa, banho	Câncer, contusão	E
CARYOCARACEAE						
<i>Caryocar brasiliense</i> Camb.	pequi	B	Casca (óleo)/ Xarope	Ingestão	Bronquite	N
CELASTRACEAE						
<i>Maytenus officinalis</i> Mabb.	espinheira-santa	A	Folha/ Infusão	Ingestão	Dor muscular, dor na coluna	E*

FAMÍLIA / Espécie ¹	Nome Popular	Hábito	Parte Usada/ Formas de Preparo	Modos de Uso	Indicações	Origem
COSTACEAE						
<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	caninha-do-brejo	H	Folha/ Infusão	Ingestão	Problemas renais	E
CRASSULACEAE						
<i>Kalanchoe crenata</i> (Andrews) Haw.	folha-gorda	S	Folha/ Vitamina	Ingestão	Tosse, Inflamação uterina e ovariana	E*
<i>Equisetum giganteum</i> L.	cavalinha	H	Folha/ Infusão	Ingestão	Problemas renais	N
FABACEAE						
<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart. ex Tul.	jucá, pau-ferro	B	Fruto/ Molho	Ingestão	Antibiótico, inflamação	E*
<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	fedegoso, sene	B	Folha/ Infusão	Ingestão	Laxante, disfunção menstrual	N
<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	barbatimão	B	Casca/ Molho	Ingestão, banho	Cicatrizante	N
LAMIACEAE						
<i>Melissa officinalis</i> L.	erva-cidreira	H	Folha, ramo/ Infusão	Ingestão	Pressão alta, calmante, gripe, febre, males do estômago	E
<i>Mentha arvensis</i> L.	vique	H	Folha/ Infusão	Ingestão	Gripe, tosse	E
<i>Mentha pulegium</i> L.	poejo	H	Folha/ Infusão	Ingestão	Gripe	E
<i>Mentha piperita</i> L.	hortelã-pimenta	H	Ramo/ Infusão	Ingestão	Gripe, tosse	E
<i>Mentha</i> sp.	hortelanzinho	H	Folha/ Infusão	Ingestão	Gripe	-
<i>Ocimum basilicum</i> L.	manjeriço	H	Ramo/ Infusão	Ingestão	Dor no corpo, gripe, doenças cardíacas	E
<i>Ocimum carnosum</i> (Spreng.) Link & Otto ex Benth.	alfavaca	H	Folha, ramo/ Infusão	Ingestão	Gripe, tosse, febre, dor de cabeça, bronquite	E*
<i>Origanum majorana</i> L.	manjerona	H	Folha/ Infusão	Ingestão, banho	Gripe, inflamação uterina e ovariana, doenças cardíacas	E
<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	falso-boldo	H	Folha/ Infusão	Ingestão	Males do estômago, males do fígado	E
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	alecrim	H	Folha/ Infusão	Ingestão	Doenças cardíacas, febre	E
LECYTHIDACEAE						
<i>Cariniana rubra</i> Gardner ex Myers	jequitibá	B	Casca/ Molho	Ingestão	Inflamação, hemorróidas	N
LOGANIACEAE						
<i>Strychnos pseudoquina</i> A. St.-Hil.	quina	B	Folha, casca/ Molho	Ingestão	Anemia	N
LYTHRACEAE						
<i>Cuphea carthagenensis</i> (Jacq.) J.F. Macbr.	sete-sangrias	S	Folha/ Infusão	Ingestão	Pressão alta	N
<i>Lafoensia pacari</i> A. St-Hil.	mangava-brava	B	Casca/ Molho	Ingestão	Males do estômago	E*
<i>Punica granatum</i> L.	romã	A	Fruto/ Molho	Banho de assento	Males da garganta, corrimento vaginal	E
MALPIGHIACEAE						
<i>Heteropterys tomentosa</i> A. Juss	nó-de-cachorro	B	Casca/ Infusão	Ingestão	Depurativo sanguíneo, calmante, estimulante sexual	E*
MALVACEAE						
<i>Malva sylvestris</i> L.	malva-branca	H	Folha/ Infusão, garrafada	Ingestão	Inflamação, hemorróidas	E
MORACEAE						
<i>Brosimum gaudichaudii</i> Tréc.	algodãozinho	A	Casca/ Infusão	Ingestão	Depurativo sanguíneo	N
MUSACEAE						
<i>Musa paradisiaca</i> L.	bananeira	B	Cacho (sumo)/ Suco	Ingestão	Bronquite	E

FAMÍLIA / Espécie ¹	Nome Popular	Hábito	Parte Usada/ Formas de Preparo	Modos de Uso	Indicações	Origem
MYRTACEAE						
<i>Eugenia uniflora</i> L.	pitanga	B	Folha/ Infusão	Ingestão	Emagrecedor	E*
<i>Psidium guajava</i> L.	goiaba-branca	B	Folha, fruto/ Infusão, fruto <i>in natura</i>	Ingestão	Disenteria	N
PHYLLANTHACEAE						
<i>Phyllanthus niruri</i> L.	quebra-pedra	A	Casca/ Infusão	Ingestão	Diurético	N
PHYTOLACCACEAE						
<i>Petiveria alliacea</i> L.	guiné	H	Folha/ Infusão	Ingestão	Disfunção menstrual	E*
PLANTAGINACEAE						
<i>Scoparia dulcis</i> L.	vassourinha	H	Folha/ Infusão	Ingestão	Contusão	N
POACEAE						
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	capim-cidreira	H	Folha, raiz/ Infusão	Ingestão	Gripe, febre, pressão alta, calmante	E
RUTACEAE						
<i>Citrus aurantium</i> L.	lima-da-pérsia	A	Folha/ Infusão	Ingestão	Insônia	E
<i>Citrus aurantium</i> var. <i>sinensis</i> L.	laranjeira	B	Folha/ Infusão	Ingestão	Febre, infecção, males do intestino	E
<i>Ruta graveolens</i> L.	arruda	S	Folha/ Queimada	Ingestão	Disfunção, cólica menstrual, aborto	E
SIMAROUBACEAE						
<i>Simaba ferruginea</i> A. St.-Hil.	calunga	A	Casca/ Molho	Ingestão	Males do fígado e do estômago, colesterol	N
SIPARUNACEAE						
<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	negramina	B	Folha/ Molho	Banho	Contusão, dor no corpo	N
VOCHYSIACEAE						
<i>Callisthene fasciculata</i> Mart.	carvão-branco	B	Casca/ Infusão	Ingestão	Pneumonia	N

Os informantes denominaram “vitamina” as misturas da planta, ou partes dela, ao leite. “Molho” e “infusão” diferenciam-se pela temperatura da água. Em “molho”, a planta é banhada na água fria, enquanto em “infusão” utiliza-se água fervente. A palavra “suco” foi usada para designar a mistura de água com o vegetal, ou parte dele, como, por exemplo, o sumo do cacho de banana (*Musa paradisiaca* L.): “O coração do cacho sai água boa para bronquite”.

Diferentes partes da mesma espécie podem ser empregadas de diferentes modos para a mesma afecção ou para diferentes afecções. O sumo da folha de melão-de-são-caetano (*Momordica charantia* L.) é utilizado para curar infecções pulmonares e uterinas, mas quando misturado ao mel, cura gripes e resfriados. A “baba” da babosa (*Aloe vera* (L.) Burm.f.) deve ser passada pura no local da contusão ou queimadura, no entanto, se misturada ao mel, “cura até câncer”; pode ainda ser batida com água para lavar os cabelos, evitando assim sua queda, ou ser misturada ao suco para curar ma-

les digestivos. O fruto seco da romã (*Punica granatum* L.), submergido em água, cura tanto problemas de garganta quanto corrimentos vaginais.

As doenças citadas foram agrupadas conforme sua origem, com base na Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-10, 2008), e estão listadas na Tabela 2.

Desse modo, observou-se que as enfermidades mais citadas são aquelas referentes aos aparelhos digestivo e respiratório (Figura 3), assim como nos estudos de Garlet & Irgang (2001), Amorozo (2002), Pilla et al. (2006) e Viu et al. (2007).

De acordo com Dorigoni et al. (2001), o uso tradicional das espécies vegetais implica em alta diversidade nas formas de preparo, dosagens e indicações, podendo ocasionar tanto efeitos benéficos como maléficis para a saúde, e pelas plantas medicinais ainda não terem, em geral, respaldo científico, não podem ser tranquilamente caracterizadas como medicamentos ou como tóxicos.

Tabela 2. Doenças citadas pelos informantes entrevistados nas quatro localidades estudadas em Cuiabá-MT e suas respectivas categorias, segundo classificação do CID-10 (2008).

Doença/Sintoma	Categoria CID-10
Queda de cabelo	Doenças da pele e do tecido subcutâneo
Doenças cardíacas	Doenças do aparelho circulatório
Pressão alta	
Problemas na dentição	Doenças do aparelho digestivo
Hemorróidas	
Laxante	
Males do estômago	
Males do fígado	
Males do intestino	
Cólica menstrual	
Corrimento vaginal	
Disfunção menstrual	
Inflamação uterina e ovariana	
Diurético	
Problemas renais	Doenças do aparelho respiratório
Gripe	
Bronquite	
Infecção pulmonar	
Pneumonia	Doenças do sangue e dos órgãos hematopoiéticos e alguns transtornos imunitários
Anemia	
Colesterol	
Depurativo sanguíneo	Doenças do sistema nervoso
Calmante	
Inflamações em geral	
Insônia	Doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo
Dor muscular	
Dor na coluna	Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas
Emagrecedor	
Antibiótico	
Disenteria	
Vermes	
Aborto	Gravidez, parto e puerpério
Cicatrizante	Lesões, envenenamento e algumas outras consequências de causas externas
Contusão	
Dor no corpo	
Queimadura	
Câncer	Neoplasias (Tumores)
Dor de cabeça	Sintomas, sinais e achados anormais de exames clínicos e de laboratório, não classificados em outra parte
Febre	
Males da garganta	
Tosse	
Estimulante sexual	Transtornos mentais e comportamentais



Figura 3. Número de espécies indicadas pelos informantes por grupos de afecções, segundo CID-10 (2008).

Uma das informantes relatou uma experiência pessoal relacionada ao uso da arruda (*Ruta graveolens* L.): “quando eu era jovem tomei chá de arruda para tirar um bebê, hoje me arrependo, mas jovem faz coisa sem pensar... eu nem gosto de falar que essa planta pode abortar...”

Ritter et al. (2002) listam algumas espécies de toxicidade estabelecida. Entre elas estão arruda, babosa, confrei e melão-de-são-caetano. Segundo os autores, a arruda (*R. graveolens* L.), a babosa (*Aloe* sp.) e o confrei (*Symphytum officinale* L.) podem provocar abortos, além de queimaduras na pele e mucosas (arruda), dores abdominais e irritações no intestino (babosa) e teratogênese e mutagênese (confrei). Contudo, entre os moradores entrevistados é comum a ingestão da “baba” da babosa misturada ao suco para curar males digestivos. O uso interno do confrei foi proibido no Brasil pela Secretaria Nacional da Vigilância Sanitária em 1992 (Ritter et al., 2002), porém sua ingestão foi citada para a cura de câncer. Para melão-de-são-caetano (*M. charantia* L.) os autores relatam ação emenagoga, purgativa e antihelmíntica, além de informar a alta toxicidade de suas sementes. Lorenzi & Matos (2008) citam diversas indicações, como o uso das folhas para tratamento de hemorróidas e diarreias simples e como antihiperlipemizante, as raízes são indicadas para tratamento de pedras no rim, entre várias outras indicações. Lorenzi & Matos (2008) afirmam ainda que esta espécie, apesar de bastante utilizada na

medicina popular, tem sua composição química e farmacológica pouco estudada no Brasil. No entanto, foi descoberta uma substância protéica de atividade imunodepressora em suas sementes. Entre os informantes deste estudo, o melão-de-são-caetano foi indicado para infecções pulmonares, na forma de suco ou xarope das folhas ou do látex, uso que não corresponde àqueles relatados na literatura.

Matricaria chamomilla L. (camomila), *Malva sylvestris* L. (malva) e *Eugenia uniflora* L. (pitangueira) foram citadas por Ritter et al. (2002) como espécies cujo uso é considerado seguro. Já para *Phyllanthus niruri* L. (quebra-pedra) os autores informam que não há estudos conclusivos relacionados com a atividade mencionada, porém, Lorenzi & Matos (2008) afirmam que estudos de suas propriedades farmacológicas apresentaram resultados que justificam a crença popular.

Observou-se, ainda, que algumas espécies recebem nomes iguais aos de medicamentos alopáticos devido à similaridade dos efeitos proporcionados por eles, como é o caso de anador, novalgina e vique. Estes nomes são empregados, muitas vezes, a espécies diferentes. O nome “anador”, por exemplo, foi aqui atribuído à espécie *Alternanthera tenella* Coll., enquanto no município de Cruz Alta – RS refere-se tanto à *Althernanthera paronichyoides* St.Hil. quanto à *Achillea millefolium* L. (Garlet & Irgang, 2001), conhecida nas localidades deste estudo como “novalgina”. Em Pernambuco, Silva & Andrade (2005) encontraram uma espécie do gênero *Justicia* (Amaranthaceae) denominada “anador”. “Vique” foi o nome dado à *Mentha arvensis* L. neste estudo, mas outras espécies do mesmo gênero (*M. pulegium* L., *M. spicata* L.) também recebem este nome (Silva & Andrade, 2005; Monteles & Pinheiro, 2007). Martins et al. (2005), em um estudo farmacológico, afirmam que *M. arvensis* (“vique”) possui o mesmo composto químico que o medicamento comercial de mesmo nome.

Segundo Garlet & Irgang (2001) e Martins et al. (2005), a atribuição de nomes de remédios alopáticos às plantas medicinais indicam a similaridade química destas plantas com os medicamentos sintéticos. Ritter et al. (2002) afirmam que esse fato mostra a necessidade que as pessoas têm em buscar substitutivos mais baratos nos cuidados à saúde, fenômeno que pode aumentar os riscos de acidentes ou intoxicações na população.

Para Oliveira et al. (2010), o estudo do emprego popular de plantas medicinais é uma ferramenta importante na descoberta de novos fármacos, visto que o uso e a permanência de determinadas plantas dentro de uma comunidade sugerem que ela possua real eficácia.

As informações obtidas neste estudo estão de acordo com as registradas e publicadas em trabalhos etnobotânicos, etnofarmacológicos e fitoquímicos (Balmé, 1978; Caribé & Campos, 1991; Panizza, 1997; Di Stasi & Hiruma-Lima, 2002; Ritter et al., 2002; Prette et al., 2004; Martins et al., 2005; Lorenzi & Matos, 2008; Santos et al., 2011). Além disso, os informantes foram unânimes ao responderem sobre a eficácia daquelas plantas, garantindo resultados satisfatórios após a utilização das mesmas. Segundo Guarim Neto & Morais (2003), estudos químicos e farmacológicos devem ser feitos para comprovação laboratorial dos efeitos medicinais e/ou toxicológicos das espécies do Cerrado, considerando ainda o fato de este bioma estar sendo rapidamente devastado.

CONCLUSÃO

É importante notar que o conhecimento dos informantes sobre o tema “plantas medicinais” apresentado neste trabalho, apesar de ser proveniente de apenas uma pequena parcela da população presente em Cuiabá, visto que a amostra corresponde a uma pequena parte dos moradores de quatro localidades da cidade, reflete o conhecimento de toda a região estudada. Isto porque os entrevistados exercem o papel de fontes de informações a respeito do uso das plantas medicinais e, quase sempre, trazem consigo conhecimentos oriundos de outros Estados brasileiros, contribuindo, involuntariamente, com o enriquecimento do saber tradicional cuiabano.

Vale ressaltar que os recursos vegetais são utilizados como medidas de tratamento e profilaxia não apenas pela dificuldade de acesso de algumas comunidades à medicina oficial, mas também por costume, tradição familiar e devido à crença na sua eficácia.

A passagem de conhecimento entre gerações, nas famílias entrevistadas, ocorre de modos intergeracional (com contato direto em sentidos ascendente e descendente),

transgeracional (sem contato direto em sentido descendente) e em sentido horizontal, através de relações extra familiares, o que nos permite considerar que o conhecimento referente às plantas medicinais é oriundo de gerações anteriores e a troca de informações torna-se inevitável, fazendo com que os conhecimentos botânicos tradicionais sejam mantidos.

A potencialidade medicinal da flora brasileira e mato-grossense foi aqui representada por 51 espécies vegetais, dentre as quais apenas 18 (36%) são de ocorrência natural do Estado de Mato Grosso, o que indica que o fluxo de recursos genéticos acompanha o fluxo migratório dos moradores, que muitas vezes são naturais de outras regiões do Brasil.

Além dessa potencialidade medicinal, devem-se considerar todas as outras formas de uso que as plantas apresentam. No entanto, tão importante quanto conhecer essa potencialidade é promover ações que visem à conservação biológica nas regiões tropicais, assim como campanhas de educação ambiental e conservação da vegetação nativa para que esta não seja substituída por espécies exóticas introduzidas.

A partir das entrevistas realizadas não houve evidência de casos de intoxicação por plantas medicinais na região, apesar disso é importante a realização de estudos que padronizem as dosagens, associações e modos de preparo, já que o acesso da população a esse tipo de medicamento é livre e pode tornar-se perigoso. O ideal é que a ciência e o empirismo trabalhem juntos - a ciência buscando informações sobre propriedades das plantas com base na experimentação empírica da população (etnobotânica) e a população obedecendo aos critérios estabelecidos pelos resultados científicos comprovados.

AGRADECIMENTOS

Aos moradores dos locais visitados, que muito ajudaram no desenvolvimento do trabalho fornecendo as informações necessárias. Ao CNPq/PIBIC, pelo financiamento da pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. Recife: Livro Rápido/NEPEEA, 2004. 189p.

AMOROZO, M.C.M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio de Leverger - MT, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, Feira de Santana, v.16, n.2, p.123-240, 2002.

AMOROZO, M.C.M. **Sistemas agrícolas tradicionais e a conservação de agrobiodiversidade**. 2007. Disponível em: <<http://www.ambiente.sp.gov.br/ea/adm/admarqs/MariaA.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2012.

BALMÉ, F. **Plantas medicinais**. São Paulo: Hemus Livraria, 1978. 398p.

BAULDAUF, C.; KUBO, R.R.; SILVA, F.; IRGANG, B.E. "Ferveu, queimou o ser da erva": conhecimentos de especialistas locais sobre plantas medicinais na região Sul do Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, Botucatu, v.11, n.3, p.282-291, 2009.

BORBA, A.M.; MACEDO, M. Plantas medicinais usadas para a saúde bucal pela comunidade do bairro Santa Cruz, Chapada dos Guimarães, MT, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, Feira de Santana, v.20, n.4, p.771-782, 2006.

BRITO, M.A.; COELHO, M.F.B. Os quintais agroflorestais em regiões tropicais-unidades auto-sustentáveis. **Revista Agricultura Tropical**, Cuiabá, v.1, n.4, p.7-38, 2000.

CARIBÉ, J.; CAMPOS, J.M. **Plantas que ajudam o homem: guia prático para a época atual**. 7. ed. São Paulo: Pensamento Ltda, 1991. 321p.

CARNIELLO, M.A.; SILVA, R.S.; CRUZ, M.A.B.; GUARIM NETO, G. Quintais urbanos de Mirassol D'Oeste-MT, Brasil: uma abordagem etnobotânica. **Acta Amazonica**, Manaus, v.40, n.3, p.451-470, 2010.

CASTRO, C.F.A. Biodiversidade e quintais. **Cadernos de Proposta**, n.3. Rio de Janeiro: FASE, 1995.

CID-10. **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde**, décima revisão, versão 2008, v.1. Disponível em:

<<http://www.datasus.gov.br/cid10/v2008/webhelp/cid10.htm>>. Acesso em: 13 dez. 2008.

CUIABÁ / IPDU. **Perfil Socioeconômico de Cuiabá – vol. III**. 2007. 486p.

DI STASI, L.C.; HIRUMA-LIMA, C.A. **Plantas Mediciniais na Amazônia e na Mata Atlântica**. 2. ed. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista. 2002. 604p.

DORIGONI, P.A.; GHEDINI, P.C.; FRÓES, L.F.; BAPTISTA, K.C.; ETHUR, A.B.M.; BATDISSEROTTO, B.; BURGUER, M.E.; ALMEIDA, C.E.; LOPES, A.M.V.; ZÁCHIA, R.A. Levantamento de dados sobre plantas medicinais de uso popular no município de São João do Polésine, RS, Brasil. I - Relação entre enfermidades e espécies utilizadas. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, Botucatu, v.4, n.1, p.69-79, 2001.

EICHEMBERG, M.T.; AMOROZO, M.C.M.; MOURA, L.C. Species composition and plant use in old urban homegardens in Rio Claro, Southeast of Brazil. **Acta Botanica Brasilica**, Feira de Santana, v.23, n.4, p.1057-1075, 2009.

FERREIRA, M.S.F.D. Comparação das formas de uso do espaço destinado aos quintais em dois bairros da cidade de Cuiabá. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE O MEIO AMBIENTE. **Anais...** v.2, p.195-202, UFMT, 1993.

FORZZA, R.C.; FILARDI, F.L.R.; COSTA, A.; CARVALHO JR, A.A.; PEIXOTO, A.L.; WALTER, B.M.T.; BICUDO, C.; ZAPPI, D.; COSTA, D.P.; LLERAS, E.; MARTINELLI, G.; LIMA, A.C.; PRADO, J.; STEHMANN, J.R.; BAUMGRATZ, J.F.A.; PIRANI, J.R.; SYLVESTRE, L.S.; MAIA, L.C.; LOHMANN, L.G.; PAGANUCCI, L.; SILVEIRA, M.; NADRUZ, M.; MAMEDE, M.C.H.; BASTOS, M.N.C.; MORIM, M.P.; BARBOSA, M.R.; MENEZES, M.; HOPKINS, M.; SECCO, R.; CAVALCANTI, T.; SOUZA, V.C. **Lista de Espécies da Flora do Brasil 2012**. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2012>>. Acesso em: 23 jan. 2012.

GALLUZZI, G.; EYZAGUIRRE, P.; NEGRI, V. Home gardens: neglected hotspots of agrobiodiversity and cultural diversity. **Biodiversity and Conservation**, Heidelberg, v.19, n.13, p.3635–3654, 2010.

GARLET, T.M.B.; IRGANG, B.E. Plantas medicinais utilizadas na medicina popular por mulheres trabalhadoras rurais de Cruz Alta, Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, Botucatu, v.4, n.1, p.9-18, 2001.

GUARIM NETO, G. Plantas utilizadas na medicina popular cuiabana – um estudo preliminar. **Revista da Universidade Federal de Mato Grosso**, Cuiabá, v.4, n.1, p.45-50, 1984.

GUARIM NETO, G.; MORAIS, R.G. Recursos medicinais de espécies do Cerrado de Mato Grosso: um estudo bibliográfico. **Acta Botanica Brasilica**, Feira de Santana, v.17, n.4, p.561-584, 2003.

GUARIM NETO, G.; AMARAL, C.N. Aspectos etnobotânicos de quintais tradicionais dos moradores de Rosário Oeste, Mato Grosso, Brasil. **Polibotânica**, México, n.29, p.191-212, 2010.

IBGE. **Censo 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010>>. Acesso em: 26 jan. 2012.

JACOBY, C.; COLTRO, E.M.; SLOMA, D.C.; MÜLLER, J.; DIAS, L.A.; LUFT, M.; BERUSKI, P.; NETO, R.M.R. Plantas medicinais utilizadas pela comunidade rural de Guamirim, Município de Irati, PR. **Revista Ciências Exatas e Naturais**, Guarapuava, v.4, n.1, p.79-89, 2002.

LORENZI, H.; MATOS, F.J.A. **Plantas Mediciniais no Brasil: nativas e exóticas**. 2. ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora Ltda, 2008. 544p.

LORENZI, H.; BACHER, L.B.; LACERDA, M.T.C.; SARTORI, S.F. **Frutas Brasileiras e Exóticas Cultivadas** (de consumo *in natura*). Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora Ltda, 2006. 640p.

MARTIN, G.J. **Ethnobotany: a methods manual**. London: Chapman and Hall, 1995. 268p.

MARTINS, L.G.S.; SENNA-VALLE, L.; PEREIRA, N.A. Princípios ativos e atividades farmacológicas de 8 plantas popularmente conhecidas por nome de medicamentos comerciais. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, Botucatu, v.7, n.2, p.73-76, 2005.

MACIEL, M.R.A.; GUARIM NETO, G. Um olhar sobre as benzedeadas de Juruena (Mato Grosso, Brasil) e as plantas usadas para benzer e curar. **Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi: série Ciências Humanas**, Belém, v.1, n.3, p.61-77, 2006.

MING, L.C.; SILVA, S.M.P.; SILVA, M.A.S.; HIDALGO, A.F.; MARCHESE, J.A.; CHAVES, F.C.M. Manejo e cultivo de plantas medicinais: algumas reflexões sobre as perspectivas e necessidades no Brasil. In: COELHO, M.F.B.; COSTA JR., P.; DOMBROSKI, J.L.D (orgs.) **Diversos olhares em etnobiologia, etnoecologia e plantas medicinais**. Cuiabá: UNICEN Publicações, 2003. p.149-156.

MONTELES, R.; PINHEIRO, C.U.B. Plantas medicinais em um quilombo maranhense: uma perspectiva etnobotânica. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, Campina Grande, v.7, n.2, p.38-48, 2007.

MORAIS, R.G.; JORGE, S.S.A. Etnobotânica e plantas medicinais: um enfoque sobre medicina tradicional. In: COELHO, M.F.B.; COSTA JR., P.; DOMBROSKI, J.L.D (orgs.) **Diversos olhares em etnobiologia, etnoecologia e plantas medicinais**. Cuiabá: UNICEN Publicações, 2003. p. 99-104.

MOURA, C.L.; ANDRADE, L.H.C. Etnobotânica em Quintais Urbanos Nordestinos: um Estudo no Bairro da Muribeca, Jaboatão dos Guararapes – PE. **Revista Brasileira de Biociências**, Porto Alegre, v.5, n.1, p.219-221, 2007.

OLIVEIRA, F.C.S.; BARROS, R.F.M.; MOITA NETO, J.M. Plantas medicinais utilizadas em comunidades rurais de Oeiras, semiárido piauiense. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, Botucatu, v.12, n.3, p.282-301, 2010.

PANIZZA, S. **Plantas que curam**: cheiro de mato. 12. ed. São Paulo: Ibrasa, 1997. 279p.

PASA, M.C.; SOARES, J.J.; GUARIM NETO, G. Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição-Açu (alto da bacia do rio Aricá Açu, MT, Brasil). **Acta Botanica Brasilica**, Feira de Santana, v.19, n.2, p.195-207, 2005.

PILLA, M.A.C.; AMOROZO, M.C.M.; FURLAN A. Obtenção e uso das plantas medicinais no distrito de Martim Francisco, Município de Mogi-Mirim, SP, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, Feira de Santana, v.20, n.4, p.789-802, 2006.

PREFEITURA DE CUIABÁ. Disponível em: <<http://www.cuiaba.mt.gov.br/>>. Acesso em: 30 mar. 2009.

PRETTE, J.B.; BRAGA, L.G.; RESENDE, U.M.; FAVERO, S.; SOLON, S.; ROCHA, C.G. Variabilidade química e do potencial antioxidante da mangava-brava (Lythraceae). **Horticultura Brasileira**, Campinas, v.22, n.2, supl.2, 2004.

RITTER, M.R.; SOBIERAJSKI, G.R.; SCHENKEL, E.P.; MENTZ, L.A. Plantas usadas como medicinais no município de Ipê, RS, Brasil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, Curitiba, v.12, n.2, p.51-62, 2002.

SANTOS, E.N.; LIMA, J.C.S.; NOLDIN, V.F.; CECHINEL-FILHO, V.; RAO, V.S.N.; LIMA, E.F.; SCHMEDA-HIRSCHMANN, G.; SOUSA-JUNIOR, P.T.; MARTINS, D.T.O. Anti-inflammatory, antinociceptive, and antipyretic effects of methanol extract of *Cariniana rubra* stem bark in animal models. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, Rio de Janeiro, v.83, n.2, p.557-566, 2011.

SANTOS, S.; GUARIM NETO, G. Medicina tradicional praticada por benzedeadas de Alta Floresta, Mato Grosso. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: série Ciências Humanas**, Belém, v.1, p.27-50, 2005.

SARAGOUSSI, M.; MARTEL, J.H.I.; RIBEIRO, G.A. Comparação na composição de quintais de três localidades de terra firme do Estado do Amazonas. **Ethnobiology: Implications and Applications**, Belém, v.1, p.295-303, 1988.

SCHARDONG, R.M.F.; CERVI, A.C. Estudos etnobotânicos das plantas de uso medicinal e místico na comunidade de São Benedito, Bairro São Francisco, Campo Grande, MS, Brasil. **Acta Biológica Paranaense**, Curitiba, v.29, n.1, 2, 3, 4, p.187-217, 2000.

SILVA, A.J.R.; ANDRADE, L.H.C. Etnobotânica nordestina: estudo comparativo da relação entre comunidades e vegetação na Zona do Litoral - Mata do Estado de Pernambuco, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, Feira de Santana, v.19, n.1, p.45-60, 2005.

SIMÕES, C.M.O.; MENTZ, L.A.; SCHENKEL, E.P.; IRGANG, B.E.; STEHMANN, J.R. **Plantas da medicina popular no Rio Grande do Sul**. 5. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1998. 173p.

SOUZA, L.F. Recursos vegetais usados na medicina tradicional do Cerrado (comunidade de Baús, Acorizal, MT, Brasil). **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, Botucatu, v.9, n.4, p.44-54, 2007.

STEVENS, P.F. *Angiosperm Phylogeny Website*. v.9. Disponível em: <<http://www.mobot.org/MOBOT/research/APweb/>>. Acesso em: 01 fev. 2012.

VENDRUSCOLO, G.S.; MENTZ, L.A. Levantamento etnobotânico das plantas utilizadas como medicinais por moradores do bairro Ponta Grossa, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. **Iheringia**, série Botânica, Porto Alegre, v.61, n.1-2, p.83-103, 2006.

VIEIRA, R.F.; ALVES, R.B.N. Desafios para a conservação de recursos genéticos de plantas medicinais e aromáticas no Brasil. In: COELHO, M.F.B.; COSTA JR., P.; DOMBROSKI, J.L.D (orgs.) **Diversos olhares em etnobiologia, etnoecologia e plantas medicinais**. Cuiabá: UNICEN Publicações, 2003. p.121-136.

VIU, A.F.M.; CAMPOS, L.Z.O.; VIU, M.A.O.; SANTOS, C.S. Etnobotânica e preservação do bioma Cerrado no município de Jataí – GO. **Revista Brasileira de Agroecologia**, Cruz Alta, v.2, n.2, 2007.

